

# TIROS POLISSÊMICOS

**LEITURAS E SIGNIFICADOS  
DO CASO  
CHARLIE HEBDO**

**MANUEL CARLOS CHAPARRO  
(ORGANIZADOR)**

# SUMÁRIO

- Convite à Reflexão .....	3
- Os fatos .....	6
- As ideias .....	8
* EUGÊNIO BUCCI: <i>Humor, a primeira vítima, 9</i>	
* EL PAÍS: <i>Contra o fanatismo, a tolerância, 14</i>	
* LEONARDO BOFF: <i>A lógica da vingança no entendimento da violência, 18</i>	
* MARC LAMBRON: <i>Um intelectual escreve como francês, 24</i>	
* DENNIS LERRER ROSENFELD: <i>O ataque visto pela lupa de um liberal, 32</i>	
* USAMA HASAN: <i>O porquê da radicalização dos jovens muçulmanos, 38</i>	
* ALEXANDRA BALDEN LORAS: <i>“A França precisa assumir-se nação multicultural e multirracial”, 42</i>	
* JOSÉ LUÍS CABAÇO: <i>Uma trágica farsa chamada “choque de civilizações”, 45</i>	
- Declaração Universal dos Direitos Humanos .....	54

## CONVITE À REFLEXÃO

O direito à liberdade de expressão está assim proclamado no Artigo 19º da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

*Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir informações e ideias por qualquer meio de expressão.*

O *Charlie Hebdo* exerce em plenitude esse direito, mesmo quando pratica o humor grosseiro e desrespeitoso com o qual vilipendia (se não nas intenções, sem dúvida nos efeitos) outros direitos igualmente proclamados pela mesma Declaração Universal - por exemplo, o direito à dignidade respeitada (Artigo 1º), o direito à proteção contra discriminações (Artigo 7º), o direito à honra e à reputação (Artigo 12º), o direito à liberdade de consciência e religião, e à liberdade de manifestar convicções religiosas (Artigo 18º).

A liberdade de expressão, atacada a tiros de fuzil a 7 de janeiro, foi gloriosamente reafirmada uma semana depois do massacre assassino. A 14 de janeiro, o jornal inundou a França com a vitalidade irreverente do seu humor de pro-vocação, numa tiragem de sete milhões de exemplares rapidamente vendidos.

Foi a resposta civilizada ao ataque terrorista que pretendeu destruir bem mais do que o direito à liberdade de expressão. Afinal (se como fim ou meio, pouco interessa), os criminosos, dizendo-se enviados do profeta Maomé, destruíram o direito à vida nas 12 pessoas assassinadas. Ao matarem sem piedade, mandaram também às favas os três valores de essência da verdade religiosa islâmica: a PAZ, o PERDÃO e a GENEROSIDADE.

Depois do ataque assassino veio a polêmica em torno dos muitos significados atribuíveis ao acontecimento - significados políticos, geopolíticos, ideológicos, sociológicos, culturais, religiosos, históricos, econômicos, civilizacionais... Em alguns casos, leituras e argumentos claramente oponentes, em pers-

pectivas ideológicas empenhadas mais na sedução de mentes do que na elucidação dos fatos. Em outros casos, leituras e argumentos que entre si convergem ou divergem, mas que de alguma forma se complementam, em torno de pontos de vista também ideologicamente assumidos, mas desenvolvidos numa estratégia de elucidar pela contextualização dos conflitos em jogo.

Neste dossiê, faço resumos comentados e proponho entendimentos de boa amostra desses textos. Entre as melhores análises recortadas, algumas delas passaram quase ou totalmente despercebidas no Brasil. E essa é uma das razões que dão sentido ao dossiê: reunir análises que expressem, no pluralismo da discussão, a polissemia dos fatos. E colocar os argumentos da polêmica à disposição de leitores interessados em organizar e dar consistência às próprias ideias.

**Com uma recomendação: que a variável da Ética seja inserida na moldura das reflexões.**

A Ética de que falo é aquela que expressa e define o conjunto de valores humanistas que dão identidade, compromisso e lugar histórico às sociedades organizadas em torno de uma dada idealização do que deve ser. Falo, portanto, da Ética dos Valores, que propõe a verdade utópica em função da qual os mecanismos culturais e políticos orientam as caminhadas humanas nas etapas do tempo.

Entende-e, portanto, que a Ética dos Valores propõe uma idealização humanista do viver e conviver em torno de valores irremovíveis - como o direito à vida, à honra, à dignidade, à igualdade, aos sigilos da privacidade, à presunção de inocência; o direito à liberdade de pensar, dizer e saber; a liberdade de ir a vir; a liberdade religiosa; e o direito à Paz.

Não é tarefa fácil, essa de fazer escolhas e agir em função de valores que frequentemente se opõem entre si. Servem de exemplo o direito à informação X direito à privacidade, o direito à liberdade de expressão X direito à honra e à dignidade.

São conflitos da esfera civilizacional que geram dilemas e problemas cuja solução depende não apenas de leis normativas que regulamentem a proteção aos direitos humanos fundamentais, mas também da consciência cívica de que todos temos deveres para com a coletividade.

Entre esses deveres está o de pensarmos, falarmos e agirmos em defesa dos nossos próprios direitos. Mas reconhecendo e respeitando também os direitos dos outros.

É no equilíbrio dessas duas variáveis que se constrói a PAZ.

E para ajudar a compreender a complexidade desse desafio, coloca-se no encerramento deste Dossiê o texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o mais avançado tratado da Ética dos Valores já produzido pela experiência humana de viver.

Boa leitura, para boas reflexões.

**CARLOS CHAPARRO**

# OS FATOS

1) Quarta-feira (7 de janeiro de 2015) - dois homens encapuzados e armados, os irmãos Said Kouachi e Cherif Kouachi, de 32 e 34 anos, entraram na redação do *Charlie Hebdo* e deixaram 12 mortos. Depois de dois dias em fuga, os irmãos foram mortos na sexta-feira (dia 9) por forças de elite francesas, em Dammartin-en-Goële, arredores de Paris.

2) Quinta-feira (dia 8) - Uma agente da polícia municipal foi morta no sul de Paris. A polícia estabeleceu uma ligação entre os dois jihadistas suspeitos do atentado ao *Charlie Hebdo* e o assassino da policial.

3) Sexta-feira (dia 9) - Em outro ataque realizado também em nome do profeta Maomé, quatro pessoas mantidas reféns foram mortas em um mercado kosher (judaico), no leste de Paris. O atentado teve como autor o militante islâmico Amedy Coulibaly, morto durante a operação policial, e que agiu a mando da mesma organização terrorista que assumiria a responsabilidade pelos atentados de Paris.

4) Quarta-feira (dia 14) - O semanário *Charlie Hebdo* saiu às ruas com uma edição de três milhões de exemplares, rapidamente esgotada, logo ampliada para cinco milhões, e três dias depois acrescida de mais dois milhões. Simultaneamente, a edição circulou em mais 25 países, com tiragens fragmentadas impressas em 16 línguas (uma delas o português), num total de mais 300 mil exemplares vendidos.

5) Quarta-feira (dia 14) - Por meio de vídeo publicado em um site islâmico, a Al-Qaeda com base no Iêmen reivindicou o atentado terrorista da semana anterior em Paris, aquele que deixara 12 mortos na redação do semanário satírico *Charlie Hebdo*. Na mensagem, um tributo de homenagem aos assassinos: "*Heróis foram recrutados e atuaram*", declarou no vídeo o porta-voz Nasser Ben Ali Al Anassi, um dos dirigentes da Al-Qaeda na Península Arábica.

# A HISTÓRIA



**H**ara-Kiri, a revista parisiense satírica criada em 1960, de circulação mensal, ficou conhecida como a publicação de capas moral e politicamente mais transgressoras de que já houve notícia. Criada por iniciativa de François Cavanna e do professor Choron, alcançou sucesso pelo jeito cínico e libertino do seu humor. Provocadora, irreverente, por duas vezes chegou a ser proibida. E aumentou a popularidade quando, no aproveitamento da crítica dura de um leitor (“*Vo-cês não são só tontos, são também maus*”), juntou ao logotipo da revista o subtítulo “Revista tonta e má”.

Do sucesso do *Hara-Kiri* resultou, em 1969, uma versão semanal chamada *Hara-Kiri Hebdo*, que teve vida curta. Apenas dois anos. Isso porque, na edição em que registrou a morte do então presidente francês Charles de Gaulle (novembro de 1970), o semanário fez, na capa, uma debochada brincadeira de palavras e sentidos, misturando o falecimento do presidente, ocorrida na sua propriedade em Colombey-les-Deux-Églises, com a tragédia do incêndio ocorrido uma semana antes na discoteca Club Cinn-Sept, onde morreram 146 pessoas. Os artistas do *Hara-Kiri* cruzaram as duas coisas no título de capa que levou o governo francês a suspender o semanário: “Bal tragique à Colombey: 1 mort” (*Baile trágico em Colombey: 1 morto*).

Para driblar a proibição, a equipa do *Hara-Kiri* reagiu com um novo projeto semanal. E assim nasceu o *Charlie Hebdo* – um nome inspirado numa outra revista da época, a *Charlie Mensuel*. Com a palavra *Charlie*, o insolente semanário agregava ao título de nascimento, e ao seu marketing, uma provocativa alusão ao nome do recém-falecido presidente francês. Com um grito libertário na manchete da primeira edição: “Não há censura em França”.

E porque assim nasceu, para assim existir, *Charlie Hebdo* nunca teve vida fácil. Nem medo de conflitos. Mas, por sua obstinação no exercício da liberdade de expressão sem limites, jamais o jornal pagou preço tão alto quanto o da agressão assassina de 7 de janeiro de 2015.

Entre os 12 mortos pelo ataque à redação do *Charlie Hebdo*, estavam quatro dos mais renomados cartunistas do humor satírico francês: Stéphane Charbonnier, conhecido como Charb,

também editor do jornal; o lendário Wolinski; Bernard Verlhac, conhecido como Tignous; e Philippe Honoré (Honoré)

Na semana seguinte ao massacre, o semanário vendeu sete milhões de exemplares. Os tiros assassinos mataram pessoas. Mas deram vida nova ao jornal. E ao seu humor satírico, cínico, irreverente, debochado, por vezes grosseiro e ofensivo.

**AS IDEIAS**

**“Matando a ironia, cortando-a pela raiz (e pelo pescoço), os autores da carnificina pretendiam matar o próprio espírito da modernidade. Se existe um traço distintivo da modernidade, é a ironia, essa sofisticação cética do espírito humano que passa pela recusa do argumento da Autoridade – e pela ridicularização, mais ou menos ostensiva, da figura empolada da autoridade. (...) Não há mundo moderno sem o arejamento da ironia e, no fundo, é exatamente esse arejamento que nos pode vacinar contra as catedrais do fundamentalismo e da intolerância, as forças malignas que nos tracionam para o passado.”**

**Eugênio Bucci**

*(O Estado de S. Paulo, 08-01-2015, p. A2)*

## ***Humor, a primeira vítima***

Os relógios marcavam 8h30 em São Paulo (11h30 em Paris) quando, na manhã daquela quarta-feira, 7 de abril, a redação do *Charlie Hebdo* foi invadida pelos irmãos Said e Cherif Kouachi, os dois terroristas que em meia hora de fanatismo assassino mataram a tiros 12 pessoas, entre elas alguns dos melhores cartunistas do jornal.

Em seu escritório de trabalho, o jornalista e professor de jornalismo Eugênio Bucci (ECA-USP e ESPM) estava já nos retoques finais do artigo quinzenal (publicado em quintas-feiras alternadas) que teria de enviar ao *Estadão* antes do meio-dia, para a edição do dia seguinte.

Bucci soube do massacre de Paris no momento em que as coisas aconteciam. Acompanhou nervoso o desenrolar do atentado. Sob tensão, decidiu substituir o artigo já pronto. Ligou para a redação e obteve tempo para escrever um novo texto.

Dividindo emoções e ideias entre a televisão e o teclado do computador, Eugênio Bucci produziu e ofereceu aos seus leitores uma emocionada e emocionante reflexão sobre a intocabilidade da ironia e do humor, no espaço da liberdade de expressão, valor essencial de civilização e democracia.

Eis o texto, publicado dia 8 de janeiro, no *Estadão* (pag. A2):

=====

**O** atentado contra a redação do **Charlie Hebdo**, ontem, em Paris, deixou para trás 12 cadáveres, 10 feridos e uma perplexidade do tamanho do mundo. O alvo dos terroristas foi a piada, o deboche. A vítima foi o humor. Dez dos 12 mortos trabalhavam na publicação, entre elas o diretor, Stephane Charbonier, que também era chargista (os outros dois mortos eram policiais, que não conseguiram deter os assassinos em fuga). O **Charlie Hebdo** fazia humor sobre o Islã e vinha sofrendo ameaças e agressões. Ontem foi finalmente dizimada. Testemunhas contaram que os atiradores teriam dito que “vingavam o Profeta” enquanto disparavam contra os cartunistas.

Movidos por uma verdade absoluta qualquer, eles pretendiam silenciar e exterminara ironia.

O sinal que mora dentro disso vem carregado de trevas. Muitos apontaram aí um crime contra a liberdade de imprensa e, portanto, um atentado contra os direitos humanos (embora muitos se esqueçam, a liberdade, que aparece no primeiro artigo da Declaração dos Direitos Humanos de 1948, é parte integrante e inseparável de qualquer entendimento que se possa ter das garantias

*fundamentais que cimentam a ideia que acalentamos de civilização). Mas é pior do que isso. Nessa tragédia concentrada, a vítima não é a imprensa em geral, não é a imprensa genérica. Estamos falando aqui da imprensa que faz rir, que falta com o respeito, que destroça a impostura de seriedade tão comum nos demagogos. Estamos falando de uma imprensa ainda mais arredia, que zomba da circunspeção dos circunstantes e rechaça a impositação e os salamaleques das autoridades. Sejam elas religiosas, civis, militares ou simplesmente imbecis. Desta vez a vítima é a sátira. A vítima é a ironia.*

*Nada pode ser mais expressivo e mais aterrorizante. Matando a ironia, cortando-a pela raiz (e pelo pescoço), os autores da carnificina pretendiam matar o próprio espírito da modernidade. Se existe um traço distintivo da modernidade, é a ironia, essa sofisticação cética do espírito humano que passa pela recusa do argumento da Autoridade – e pela ridicularização, mais ou menos ostensiva, da figura empolada da autoridade. A ironia duvida do poder porque sabe que o sujeito, em público e em privado, não governa todos os seus atos e todas as suas palavras. Enquanto uns batem continência e outros se ajoelham, a ironia ri. Não leva o ego tão a sério assim. Não dá crédito ao superego. Quando argumentam que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, a ironia gargalha: se inventou esse tal de homem, Deus só pode ser mesmo um pastel. O melhor da ironia é rir de si mesma. Ela se sabe vã, embora se saiba também onipresente (mais onipresente do que Deus). Sabe-se presente, ainda que de forma involuntária, em tudo o que se move e em tudo o que fica parado na paisagem social e nas profundezas do psiquismo de cada um. Sem ironia o que é moderno fenece. Não há mundo moderno sem o arejamento da ironia e, no fundo, é exatamente esse arejamento que nos pode vacinar contra as catedrais do fundamentalismo e da intolerância, as forças malignas que nos tracionam para o passado.*

*Quem disparou contra os desenhistas corrosivos do jornal francês alimenta, sim, a fantasia fanática de aniquilar a democracia, a liberdade, a modernidade e, principalmente, a nossa ideia profana e fugidia de felicidade. Quem quer que tenha cometido tamanha brutalidade quer castrar a imaginação e o prazer, nos semelhantes e em si mesmo.*

*Além de monstruoso em todas as suas faces, o ataque terrorista ao jornal **Charlie Hebdo** é também um alerta sobre o lugar da liberdade de imprensa em tempos em que a imprensa parece não ter lugar no mercado. Os jornalistas acostumaram-se a pensar que ser independente se resume a não depender econômica e politicamente do governo, do Estado, de um grupo particular de anunciantes, das igrejas e do lobby cada vez mais poderoso das ONGs aparentemente boazinhas. Bem sabemos que, no Brasil, muita gente não assimilou metade dessa lição elementar, mas, de todo modo, ela continua sendo boa e necessária. Só tem um detalhe: ela não é mais suficiente. As agressões à liberdade de imprensa não partem mais apenas de juízes desavisados que impõem censura prévia em sentenças mal fundamentadas ou de governantes maliciosos que cooptam veículos fragilizados com o dinheiro ilimitado da publicidade oficial. A violência contra o direito à informação e a liberdade de expressão já não vem somente da cobiça dos endinheirados ou da ganância dos donos do poder. Agora quem se lança contra o espírito livre da crítica são gigantescas estruturas paraestatais e abertamente criminosas. Para não irmos longe, em comunidades da Colômbia e do México são grupos paramilitares, a mando de traficantes ou de milícias, que assassinam profissionais de imprensa e impõem às redações o pior dos regimes de terror. Quanto à polícia e quanto à Justiça, estas, muitas vezes compradas, se limitam a ser morosas ou aéreas. É o seu modo de ser cúmplice.*

*Hoje, em suma, o Estado não é deletério apenas quando move ataques contra a imprensa livre. Ele é ainda mais deletério quando não sabe (ou não quer) defendê-la.*



*Em Paris, o presidente François Hollande acertou ao ir prontamente a público para liderar a indignação da sociedade contra o gesto inominável. Mas a reação ainda é tímida. Na França, como no Brasil, ainda são numerosos os políticos que não perceberam que não poderiam existir sem a imprensa que zomba deles. Mais, muito mais do que antes, o Estado é chamado a defender não apenas o instituto da reportagem investigativa e das críticas mais ácidas, mas também a irreverência, a sátira e a caçoada. Se a democracia não despertar para esse compromisso, será sucedida por um mundo em que o riso, a ironia e o gozo transgressor serão proibidos. E a política também.*

=====

**NOTA DO ORGANIZADOR** - Seis dias após a publicação do artigo de Eugênio Bucci, exatamente a 14 de janeiro, a grande notícia internacional foi a da vitória do humor. Sim, sob o ponto de vista da liberdade de expressão, a violência fracassou.

E fracassou porque, na quarta-feira seguinte à do enlouquecido massacre, o *Charlie Hebdo* saiu às ruas com uma edição de três milhões de exemplares, rapidamente esgotada e logo ampliada para sete milhões de exemplares, todos vendidos. Foi uma radiosa manhã de democrática afirmação da liberdade de expressão, duas palavras que sintetizam o direito cidadão de livremente PENSAR, CRIAR e DIZER.

Sim, sob o ponto de vista cultural e civilizacional, o terror fracassou! O semanário francês do humor cáustico, frequentemente ofensivo, voltou às ruas mais forte do que em qualquer outra fase de sua história.

No rastro do atentado ficaram, como principais vítimas, os milhões de cidadãos muçulmanos que vivem na Europa. Somente na França, calcula-se que seis milhões de pessoas constituem o povo muçulmano agora exposto à exacerbação das reações xenófobas - tão cretinas e ignóbeis quanto a violência terrorista.



**“Sem liberdade de expressão não há democracia. Os fanáticos, os bárbaros que atacaram Charlie Hebdo, são, simplesmente, inimigos da democracia, isto é, da nossa civilização.”**

**(EL PAÍS, Madrid, 8-1-2015)**

## ***Contra o fanatismo, tolerância***

**N**o dia seguinte ao do atentado, o respeitado diário espanhol *El País* assumiu posição. Em estilo clássico de editorial não assinado, o artigo começa por colocar a questão central do texto:

*“Um atentado como o de ontem em Paris nos coloca ante o grande dilema: civilização ou barbárie?”*

Com essa pergunta, o artigo desencadeia a proposta do acordo de ideias que apresenta ao leitor, sobre o núcleo central de cada uma das variáveis do dilema - **civilização ou barbárie?**

Em torno dessa questão central, assim começa o arazoado argumentativo:

*“O recurso fácil de atribuir as causas a uma determinada religião, neste caso a muçulmana, é profundamente errôneo. Em nome de todas as religiões monoteístas se cometeram, se cometem e se cometerão crimes tão horrendos como o de ontem. Por outro lado, em nome de todas as religiões monoteístas se condenaram tragédias semelhantes. Por*

*isso, devemos buscar a causa não nas religiões, e sim no fanatismo que elas podem provocar, fanatismo, por outro lado, cujo caldo de cultura o encontramos em todo tipo de crenças, tanto nas derivadas da fé como nas derivadas da razão.”*

**Em tom quase pedagógico de convite à reflexão, prossegue o articulista, escrevendo em nome do jornal:**

*“Efetivamente, as atitudes fanáticas não provêm necessariamente daquelas crenças que se opõem às ideias — para utilizar a conhecida, e clara, distinção de Ortega; por vezes, acontece de as próprias ideias fundadas em argumentos racionais serem levadas à prática em atitudes fanáticas, aquelas atitudes que, entre outras coisas, implicam que o fim justifica os meios. Isso explica por que o nazismo ou o stalinismo, baseados em certas correntes do idealismo alemão, chegaram a cometer atrocidades em nome de ideais considerados superiores. A religião é sempre uma crença, as crenças sempre tendem com maior facilidade ao fanatismo. Mas mesmo o pensamento racionalista nem sempre está isento disso: depende da atitude.”*

**Marcada pela serenidade, a análise propõe a comparação com a outra variável do dilema central - a civilização e seus valores:**

*“Frente ao fanatismo está a tolerância, que também é uma atitude mais que uma ideologia, e que se embasa na ideia da convivência pacífica fundamentada na liberdade e na igualdade, origem do conceito de democracia organizada em torno da salvaguarda dos direitos fundamentais. A atitude tolerante está no começo daquilo a que hoje chamamos civilização ocidental e que, afortunadamente, já se estende além de Ocidente. Seus patronos fundadores poderiam ser, por exemplo, Erasmo, Luis Vives ou Tomás Moro. Em tempos conturbados devido a atitudes religiosas intolerantes — quer dizer, fanáticas— nas guerras religiosas que assolaram o século XVI europeu, esses e outros (pensadores humanistas do Renascimento) aceitaram que devia*

*respeitar-se a consciência de cada um e que as diferenças nunca deveriam ser motivo para justificar a violência.”*

A proposta argumentativa do **EL PAÍS** é amarrada na conclusão que aplica as ideias ao caso concreto da violência contra o **Charlie Hebdo**:

*“Da liberdade de consciência nasce a liberdade de pensamento, logo a de opinião e, mais tarde, o direito à livre informação, peças fundamentais — e fundamentadoras — das ideias liberais e democráticas de hoje. Um ataque ao **Charlie Hebdo** é um ataque aos milhões de pessoas que no mundo — e não só no Ocidente — querem viver em paz e em liberdade, porque este célebre semanário satírico francês sempre praticou estas essenciais virtudes éticas e políticas. Sem liberdade de expressão não há democracia. Os fanáticos, os bárbaros que atacaram **Charlie Hebdo**, são, simplesmente, inimigos da democracia, isto é, da nossa civilização.”*

---

**NOTA DO ORGANIZADOR** - Para entender a linha argumentativa deste editorial, e lhe atribuir sentidos, convém saber que **EL PAÍS** é, entre os grandes diários europeus, provavelmente aquele que de forma mais nítida assume publicamente uma identidade, com a definição das escolhas éticas, ideológicas e deontológicas pelas quais guia o seu jornalismo. O Estatuto Editorial do jornal é, ao mesmo tempo, uma espécie de constituição interna para o agir do ente jornalístico; a proclamação pública dos princípios e compromissos que dão fisionomia ideológica ao jornal e organizam as expectativas dos seus leitores; e o instrumento formal do acordo que ajusta responsabilidades e poderes nas relações entre a redação e empresa, tendo como razões do acordo aqueles princípios e compromissos

A linha de coerência para as escolhas e decisões editoriais está sintetizada no artigo 3 do capítulo II do Estatuto Editorial, que trata dos “Princípios da publicação e sua observância”:

*“EL PAÍS é um periódico independente, nacional, de informação geral, com uma clara vocação europeia, defensor da democracia pluralista, segundo os princípios liberais e sociais, e que se compromete a guardar a ordem democrática e legal estabelecida na Constituição. Nesse quadro, acolhe todas as tendências, excetos as que propugnam a violência para o cumprimento os seus fins.”*

Em função desse princípio, o Estatuto Editorial de **EL PAÍS** compromete-se a rechaçar *“qualquer pressão de pessoas, partidos políticos, grupos econômicos, religiosos ou ideológicos que colocam a informação a serviço de seus interesses”*. E para que assim seja. *“a independência e a não manipulação das notícias são a razão última do trabalho redacional”*.

Qualquer mudança substancial da linha ideológica do jornal estabelecida em seu Estatuto Editorial dará motivo a que qualquer membro da redação que se considere afetado em sua liberdade, honra ou independência profissional, poderá, *“sem aviso prévio, invocar cláusula de consciência e dar como extinta a sua relação trabalhista com a empresa”*.

O Estatuto prevê, nesses casos, que quando o jornalista afetado invocar a cláusula de consciência junto aos tribunais, e se o rompimento do contrato de trabalho for considerado procedente, *“o interessado terá direito, no mínimo, a uma indenização equivalente à que receberia se fosse demitido sem justa causa”*.

Coisas com que, por enquanto, o jornalismo brasileiro nem sequer sonha...

*“O que os USA e aliados ocidentais fizeram no Iraque foi uma guerra preventiva com uma mortandade de civis incontável. Se no Iraque houvesse somente ampla plantação de frutas e cítricos, nada disso ocorreria. Mas lá há muitas reservas de petróleo, sangue do sistema mundial de produção. Tal violência, bárbara porque destruiu os monumentos de uma das mais antigas civilizações da humanidade, deixou um rastro de raiva, de ódio e de vontade de vingança. A partir deste transfundo se entende que o atentado abominável em Paris é resultado desta violência primeira e não causa originária.”*

**LEONARDO BOFF**

(em texto distribuído ao mundo a 10 de fevereiro de 2015)

## ***A lógica da vingança no entendimento da violência***

Pensador militante, o teólogo, filósofo e escritor Leonardo Boff distingue-se pela vitalidade da generosidade intelectual e pela extraordinária capacidade de manejar a arma da palavra em favor do mundo idealizado pelo qual luta - mundo de harmonias cristãs estruturadas em valores e direitos humanos como Justiça, Liberdade, Fraternidade, Igualdade, Dignidade, Solidariedade, Paz e Democracia. Por tais e tão notá-

veis méritos, foi agraciado com o Prêmio Averroes 2014, honraria atribuída a estudiosos que se distinguem pela generosidade do compartilhamento de ideias e conhecimentos.

Nos espaços e conflitos humanos do pensar e do agir, Leonardo Boff exerce com ousadia criativa o poder transformador da palavra.

Como sujeito da palavra, dissemina ideais e socializa saberes, na prática humanista de uma pedagogia cristã libertadora. E porque assim é e assim age, Leonardo Boff não adiou o que para ele era dever fazer: dois dias após o ataque, ainda em plena fase da perplexidade universal, espalhou ao mundo, pelas várias redes de difusão que regularmente utiliza, um pedagógico texto de análise de causas e consequências, na desconstrução da ação terrorista.

Vale a pena ler.

=====

**U**ma coisa é se indignar, com toda razão, contra o ato terrorista que dizimou os melhores chargistas franceses. Trata-se de ato abominável e criminoso, impossível de ser apoiado por quem quer que seja.

Outra coisa é procurar analiticamente entender por que tais eventos terroristas acontecem. Eles não caem do céu azul. Atrás deles há um céu escuro, feito de histórias trágicas, matanças massivas, humilhações e discriminações, quando não, de verdadeiras guerras preventivas que sacrificaram vidas de muita gente.

Nisso, os USA e em geral o Ocidente são os primeiros. Na França vivem cerca de cinco milhões de muçulmanos, a maioria nas periferias em condições precárias. São altamente discriminados a ponto de surgir uma verdadeira islamofobia. Logo após o atentado aos escritórios do Charlie Hebdo, uma mesquita foi atacada com tiros, um restau-



*rante muçulmano foi incendiado e uma casa de oração islâmica foi atingida também por tiros. Que significa isso? O mesmo espírito que provocou a tragédia contra os char-gistas está igualmente presente nesses franceses que cometeram atos violentos às instituições islâmicas. Se Hannah Arendt estivesse viva, ela que acompanhou todo o julgamento do criminoso nazista Eichmann, faria semelhante comentário, denunciando este espírito vingativo.*

*Trata-se de superar o espírito de vingança e de renunciar à estratégia de enfrentar a violência com mais violência ainda. Ela cria uma espiral de violência interminável, fazendo vítimas sem conta, na maioria de inocentes.*

*Paradigmático foi o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos. A reação do presidente Bush foi declarar a “guerra infinita” contra o terror, instituir o “ato patriótico” que viola direitos fundamentais ao permitir prender, sequestrar e submeter a afogamentos suspeitos, criar 17 agências de segurança em todo o país e começar a espionar todo mundo no mundo inteiro, além de submeter terroristas e suspeitos em Guantánamo a condições desumanas e a torturas.*

*O que os USA e aliados ocidentais fizeram no Iraque foi uma guerra preventiva com uma mortandade de civis incontável. Se no Iraque houvesse somente ampla plantação de frutas e cítricos, nada disso ocorreria. Mas lá há muitas reservas de petróleo, sangue do sistema mundial de produção. Tal violência, bárbara porque destruiu os monumentos de uma das mais antigas civilizações da humanidade, deixou um rastro de raiva, de ódio e de vontade de vingança.*

*A partir deste transfundo se entende que o atentado abominável em Paris é resultado desta violência primeira e não causa originária.*

*O efeito deste atentado é instalar o medo em toda a França, na Alemanha e em geral na Europa. Esse efeito é visado pelo terrorismo: ocupar as mentes das pessoas e mantê-*

*las reféns do medo. O significado principal do terrorismo não é ocupar territórios, como o fizeram os ocidentais no Afeganistão, mas ocupar as mentes. Essa é sua vitória sinistra.*

*A profecia do autor intelectual dos atentados de 11 de setembro, o então ainda não assassinado Osama Bin Laden, feita no dia 8 de outubro de 2001, infelizmente, se realizou: “Os EUA nunca mais terão segurança, nunca mais terão paz”. Ocupar as mentes das pessoas, mantê-las desestabilizadas emocionalmente, obrigá-las a desconfiar de qualquer gesto ou de pessoas estranhas, eis o que o terrorismo almeja e nisso reside sua essência.*

*Para alcançar seu objetivo de dominação das mentes, o terrorismo persegue a seguinte estratégia:*

- (1) os atos têm de ser espetaculares, caso contrário, não causam comoção generalizada;*
- (2) os atos, apesar de odiados, devem provocar admiração pela sagacidade empregada;*
- (3) os atos devem sugerir que foram minuciosamente preparados;*
- (4) os atos devem ser imprevistos para darem a impressão de serem incontroláveis;*
- (5) os atos devem ficar no anonimato dos autores (usar máscaras) porque quanto mais suspeitos, maior o medo;*
- (6) os atos devem provocar permanente medo;*
- (7) os atos devem distorcer a percepção da realidade: qualquer coisa diferente pode configurar o terror. Basta ver alguns rolezinhos entrando nos shoppings e já se projeta a imagem de um assaltante potencial.*

*Formalizemos um conceito do terrorismo: é toda violência espetacular, praticada com o propósito de ocupar as mentes com medo e pavor.*



*O importante não é a violência em si, mas seu caráter espetacular, capaz de dominar as mentes de todos.*

*Um dos efeitos mais lamentáveis do terrorismo foi ter suscitado o Estado terrorista que são hoje os EUA. Noam Chomsky cita um funcionário dos órgãos de segurança norte-americano que confessou: “Os USA são um Estado terrorista e nos orgulhamos disso”.*

*Oxalá não predomine no mundo, especialmente, no Ocidente este espírito. Aí, sim, iremos ao encontro do pior.*

=====

**NOTA DO ORGANIZADOR** - Na lógica das ações humanas, qualquer que seja o grau de complexidade dos processos e dos atos, CAUSA é o que determina a produção de UMA COISA NOVA. Entende-se, assim, o que Leonardo Boff nos propõe: que o ataque terrorista ao *Charlie Hebdo* foi a COISA NOVA produzida pelo “Estado terrorista” em que se transformaram o Estados Unidos e países aliados, com suas “guerras preventivas”, que tanto mataram e destruíram, especialmente no laque.

A transformação dos Estados Unidos em “estado terrorista” terá sido, por sua vez, “um dos efeitos mais lamentáveis do terrorismo” de origem muçulmana - e aí Leonardo Boff nos vê no contexto dos fatos um vice-versa contínuo de violência, em alternâncias de perversidade, gangorra assassina em que a “norma” de matar sustenta grupos, estruturas e jogos de poder que se expressam pela violência. Espeziando valores.

Nesse quadro de recíproco e vingativo uso da violência, não há causas legitimadoras, ou seja, nem princípios nem leis normativas que explicitem a necessidade das ações e as exijam.

Kant nos ensinou que *é função da Lei sistematizar um esquema generalizado de causas, para gerar efeitos desejados*. O que pressupõe alguém com o poder de legislar.

Nos modelos produzidos pela marcha da civilização, de controle democrático do poder, é atribuída aos parlamentos, pela delegação do voto, a missão de legislar em nome do povo. Mas, nesses modelos,

também as leis normativas, que definem e exigem ações (no exemplo brasileiro, Códigos como o Penal, o do Consumidor, o da Infância e da Juventude), têm causas e razões de ser de natureza ética. As causas e razões de ser dos valores sobre os quais assenta a idealização constitucional das relações e estruturas sociais.

No caso do ataque assassino ao *Charlie Hebdo*, como na complicada e devastadora geopolítica militarista americana, a lei não é causa nem efeito. Porque simplesmente não existe lei; apenas o exercício ignóbil de ignóbeis poderes, em função de ignóbeis objetivos.

Poderes e objetivos frequentemente ocultos.

*“Quando você atira em um francês hoje, há uma probabilidade de quase 1 para 10 de que acertará um muçulmano. E foi exatamente o que aconteceu: entre as 17 baixas dos atentados, um revisor de textos se chamava Mustapha e um policial se chamava Ahmed. Se você assassina humoristas, policiais, judeus, muçulmanos, católicos e ateus, você está tentando matar a diversidade francesa. Com suas balas assassinas, os terroristas revelaram o retrato de uma nação.”*

**MARC LAMBRON**

(de Paris, em texto especial para o *NEW YORK TIMES*, publicado também por vários grandes diários da imprensa internacional, entre os quais a FOLHA DE S. PAULO - 17/01/2015)

**Intelectual escreve como francês:**

***“Vestindo a face da morte,  
a barbárie nos dá  
nobres motivos  
para agir com dignidade.”***

Eleito a 26 de junho de 2014, MARC LAMBRON é o mais recente imortal da Academia Francesa. Além de escritor várias vezes premiado, é também um respeitado crítico literário. Fez carreira jornalística nas revistas *Point* e *Madame Figaro*. E tornou-se um solicitado articulista da análise política e cultural, por seu

estilo refinando, com o qual valoriza a argumentação sempre clara e envolvente. E é esse intelectual que, em artigo escrito para *New York Times* (publicado também por vários dos grandes diários da imprensa internacional, entre os quais a *Folha de S. Paulo* - 17/01/2015), ofereceu à discussão pública, em escala mundial, uma reflexão de denso conteúdo sobre o retrato da França que emergiu do atentado.

=====

**A** França realizou sua grande revolução em 1789 para derrubar o poder da monarquia e a autoridade do clero católico. Na mitologia da República Francesa, a cidadania vem primeiro, e depois a religião.

É por isso que os franceses têm dificuldade para compreender a democracia americana: eles a consideram uma caricatura, o trabalho de religiosos que juraram sobre a Bíblia enquanto escravizavam e maltratavam a população afro-americana, até surgirem o presidente Abraham Lincoln e depois Martin Luther King Jr.

A França não gosta de teocracias, e as teocracias não gostam da França. Por essa razão, inspirada pelo espírito de Lafayette, que lutou com os americanos em sua revolução contra o Reino Unido, a França por vezes intervém militarmente em países onde a liberdade é ameaçada por fanáticos religiosos.

Neste momento, a França tem tropas no Mali, no Iraque e na Síria. É um país onde, ao longo de um único dia, você pode frequentar uma missa católica, almoçar gefilte fish com um amigo judeu e à noite jantar um saboroso cuscuz marroquino. Nosso relacionamento com outras religiões é quase gastronômico, assim como podemos saborear vinhos da Alsácia, da Borgonha e de Bordeaux.

Obviamente, tal pluralismo não é aprovado pelos fanáticos.

O ataque terrorista contra o **Charlie Hebdo** é um ataque contra Voltaire, que defendeu o direito democrático de ridicularizar e blasfemar contra interesses poderosos. Os jihadistas atacaram a redação do jornal mais irreverente da França. É como se a máfia tivesse crivado de balas a Mesa-redonda de Algonquin nos anos 1930, matando as mentes mais cáusticas da América de uma vez. Entre elas, Dorothy Parker, Robert Benchley, Harpo Marx, Edna Ferber e Harold Ross, que fundou a revista **The New Yorker** e trabalhou como seu editor.

É isso que perdemos. Hoje os assassinatos parecem um cenário de videogame: imaginamos serial killers, vestidos de ninjas pelo Estado Islâmico, dirigidos no estilo Tarantino, atirando contra os irmãos franceses do "National Lampoon" e Michael Moore. Mas esses terroristas também atacaram um mercado kosher: claramente um ato de antissemitismo, mas também um ato violento contra a liberdade constitucional de praticar a diversidade de religiões.

Isso colocou esses islâmicos radicais na mesma liga dos nazistas, que queimaram livros antes de queimar judeus. Em nossas mentes, este janeiro sangrento situa-se no reino do 11 de Setembro.

Mas a complexidade da França representa um problema para esses assassinos. O país tem uma população de 66 milhões, dos quais 6 milhões são muçulmanos.

Quando você atira em um francês hoje, há a probabilidade de quase 1 para 10 de que acertará um muçulmano. E foi exatamente o que aconteceu: entre as 17 baixas dos atentados, um revisor de textos se chamava Mustapha e um policial se chamava Ahmed. Ao assassinar humoristas, policiais, judeus, muçulmanos, católicos e ateus, você está tentando matar a diversidade francesa. Com suas balas assassinas, os terroristas revelaram o retrato de uma nação.

Esta é provavelmente a chave para se compreender o enorme movimento de raiva e luto que levantou o país, que espontaneamente armou a maior manifestação de sua

*história, com quase 4 milhões de pessoas nas ruas. Ninguém quer que a França se transforme em uma miniatura do Oriente Médio, onde cristãos iraquianos, cidadãos israelenses e muçulmanos moderados são alvejados.*

*Os policiais, que normalmente não são os mais populares servidores públicos, foram aplaudidos pelos manifestantes. As pessoas estavam lhes agradecendo por defender uma sociedade que permite que seus cidadãos falem mal deles.*

*Mas há algo mais profundo em jogo. Desde 1945, as democracias entraram em uma era pós-heroica. A morte é mantida à distância, e a economia fica em destaque.*

*No plano internacional, a França é avaliada sob critérios definidos por agências de classificação de crédito como Fitch ou Moody's. Não se fala mais em Voltaire, somente em "ativos".*

*Mas, de repente, os heróis retornaram à nossa sociedade pós-heroica: são chargistas libertários que lutam com um lápis e policiais que defendem a República de um ataque assassino.*

*Durante uma semana inteira, os canais de TV da França pararam de falar em parâmetros orçamentários, só falaram em parâmetros de coragem. Não mais evasão fiscal, apenas resistência. Em termos americanos: adeus Dow Jones, olá Patton. Em termos franceses: adeus Christine Lagarde e Thomas Piketty; olá Victor Hugo, Émile Zola, Jean Moulin, Albert Camus.*

*A barbárie, vestindo a face da morte, nos dá nobres motivos para agir com dignidade.*

*Quando todo mundo encontra em si mesmo a dignidade de resistir, o "não" à barbárie se transforma em um "sim" à honra de estar vivo.*

=====

**NOTA DO ORGANIZADOR** - Ao receber em 2006, aos 76 anos, no Congresso da Intercom, o Premio Luiz Beltrão na categoria "Maturidade Acadêmica", a notável jornalista, pro-

fessora de jornalismo, pesquisadora e escritora **Maria Adísia Barros de Sá** pronunciou um histórico discurso. Na parte final dessa para mim inesquecível aula, Adísia de Sá partilhou com a plateia a construção do que para ela seria o perfil ideal do intelectual no mundo real das pessoas. E começou pela síntese do que, a seu ver, seria a mais árdua tarefa do intelectual: ***“Levanta discussões, estuda, e tenta compreender, interpretar e transformar o mundo”***.

Essa foi a tarefa assumida por Marc Lambron no artigo que nos ofereceu, a propósito do bárbaro atentado ao ***Charlie Hebdo***. E a Lamblon também se aplicam dois trechos daquela aula de Adísia de Sá, a seguir transcritos:

***“Como nem sempre a liberdade nos cerca e movimenta, o intelectual tem o dever de lutar por ela, enfrentando, se necessário, a fogueira que queima o corpo e purifica a alma; a tortura que esmigalha cada centímetro da carne e dos ossos e faz explodir o grito da dor nas ruas e nas catedrais, nas tribunas e nas sinagogas, levando multidões a rasgar regras de inquisições, a derrubar bastilhas e incendiar bunkers, a levantar bandeiras de liberdade até então arriadas.”***

***“O intelectual não pode se submeter à perseguição, à opressão, à tirania do poder – venha este sob a forma de governo ou das massas, de constituições outorgadas ou dos dogmas de religiões e ciências...”***



*“Os terroristas mostraram, em sua ação, extremo profissionalismo. Não são lobos solitários nem indivíduos que agem de forma amadora, levados por uma emoção intensa. (...) Visaram tudo o que o terror não pode admitir: a liberdade de imprensa, em sua forma particularmente irônica e satírica, a liberdade de expressão e o que caracteriza de modo geral uma sociedade democrática e livre.”*

**Denis Lerrer Rosenfield**

(O Estado de S. Paulo, 12-01-2015)

## **Perspectiva à direita**

### ***O ataque visto pela lupa do liberalismo***

Denis Lerrer Rosenfield, professor de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, admite ser chamado de **direitista**. Foi o que disse em entrevista à revista *Veja*, em maio de 2011: *“Não vejo problema nenhum em ser chamado de **direitista**. Se direita no Brasil significa a defesa da liberdade pessoal, e do direito de propriedade, sou de direita, sim, com muito orgulho”*.

Na verdade, o professor Rosenfield pensa, escreve, fala e age como um liberal, e assim se autodefine politicamente naquela citada entrevista:

*“Sou liberal. Defendo as liberdades individuais, o direito à propriedade privada. Sou contra a interferência do Estado na vida dos cidadãos. Acredito que quando o Estado se apodera do monopólio da virtude, inicia um flerte inadmissível com o autoritarismo, da-*



*noso para qualquer sociedade. Mas aceito práticas de socialdemocracia em situações de miséria extrema.”*

Como estudioso, pensador, escritor e articulista com lugar próprio no espaço pluralista da discussão política brasileira, o professor Rosenfield não rejeita temas nem esconde posições. Foi o que fez, ao analisar o massacre em Paris, em artigo publicado pelos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, dia 12-01-2015.

Artigo claramente resumido no título que o autor lhe atribuiu: “Os esquerdopautas”.

Vamos ler e debater?

=====

## *Os esquerdopatas*

*O* inominável, mais uma vez, mostrou o seu rosto. A frieza dos atos, a meticulosidade em sua preparação e o símbolo a ser atingido estampam a maldade extrema enquanto característica do terror. No caso do assassinato de cartunistas e jornalistas do Charlie Hebdo e de policiais, do terror islâmico.

*Os terroristas mostraram, em sua ação, extremo profissionalismo. Não são lobos solitários nem indivíduos que agem de forma amadora, levados por uma emoção intensa. Foram treinados com tal objetivo e veicularam em seu ato o islamismo radical que os alimenta. Um policial ferido foi friamente assassinado no solo, quando os terroristas já se retiravam. Cartunistas chamados pelo nome eram alvos previamente determinados e deveriam ser exterminados.*

*Visaram tudo o que o terror não pode admitir: a liberdade de imprensa, em sua forma particularmente irônica e satírica, a liberdade de expressão e o que caracteriza de modo geral uma sociedade democrática e livre. Ou seja, procuraram atingir tudo o que consideramos como a civi-*

*lização, a humanidade no que produziu de mais nobre no que diz respeito às suas ideias e seus princípios. Nada foi deixado ao acaso: jornalistas libertários e, dentre eles, o mais renomado, Wolinski, um judeu. Certamente isto não escapou aos terroristas islâmicos.*

*Contudo nada é propriamente novo. Igual comoção não se produziu quando cristãos foram crucificados no Iraque pelo Estado Islâmico.*

*Houve uma estranha condescendência, como se essas imagens fossem, de certa maneira, menos impactantes. É como se estivesse sendo dito que essas comunidades cristãs não deveriam estar onde estão, apesar de sua origem remontar a muitos séculos, algumas descendentes dos primeiros cristãos. O cristianismo, para alguns, seria uma forma de cultura ocidental que não deveria fazer parte deste mundo, como se, por definição, ele devesse ser de natureza muçulmana radical.*

*Nada muito diferente do que acontece com Hamas em sua luta pela destruição do Estado de Israel, que terminou contando com a simpatia de boa parte de jornalistas e intelectuais. Alguns mais extremistas chegaram a pregar, em artigos, seu apagamento do mapa. Augusto Bebel, social-democrata alemão do final do século 19 e início do século 20, dizia que "o antissemitismo era o socialismo dos idiotas". Poderíamos parafraseá-lo e dizer que "o antissionismo é o socialismo dos imbecis".*

*O Hamas nada mais é que uma corrente do islamismo radical nascida da Irmandade Muçulmana. São duas faces do mesmo movimento, apregoando os mesmos "valores e princípios", como se valores e princípios fossem tudo o que procura justificar o aniquilamento dos princípios mesmos, universais, da civilização ocidental. Qualquer concessão ao multiculturalismo nada mais é, aqui, que uma adesão politicamente correta ao terror.*

*O caso do Egito é particularmente significativo, mostrando precisamente as contradições de uma esquerda que termi-*

*na optando pela submissão. Os militares egípcios, de confissão sunita, compreenderam muito bem a natureza do islamismo radical e se opuseram resolutamente a ele. Aliás, no contexto atual, a liderança religiosa sunita desse país condenou em termos veementes o atentado terrorista ao jornal francês.*

*Ora, esses militares deram um golpe na Irmandade Muçulmana, que tinha conquistado o poder pela via eleitoral para ali se perpetuar. Esse movimento islamita utilizou a tática bolivariana de subverter uma instituição democrática por meios eleitorais. Note-se que, nesse período, armaram o Hamas e deram-lhe cobertura para atacar Israel com meios militares mais poderosos, pela importação de armamentos e de fábricas próprias de mísseis e foguetes.*

*Os militares egípcios salvaram, na verdade, esse país de se tornar um Estado terrorista. O mais surpreendente é que foram condenados pela esquerda por serem não democráticos, embora se tivessem legitimado posteriormente em nova eleição. Chama a atenção o fato de que os que se opõem diretamente ao terror sejam condenados, como se essa forma de islamismo radical tivesse o direito de existir, entendido por eles como o direito de exterminar os diferentes.*

*A comunidade yazidi, no Iraque, sofreu destino semelhante, sendo perseguida e assassinada pelos membros do Estado Islâmico. A violência foi também extrema, não poupando jovens e mulheres, estupradas, escravizadas e prostituídas. Sua condição é igualmente inominável, porém, de certa maneira, parece chocar-nos menos por se situar numa terra longínqua, enquanto a França nos é próxima.*

*Trata-se de uma trajetória da maldade que encontra agora, na figura de jornalistas contestatários, uma espécie de culminação, a do terror que, nesta sua forma, se torna mais assustadora. Acontece que esse desfecho contou, em seus momentos anteriores, com a simpatia de vários setores à esquerda do jornalismo e da intelectualidade. Muitos dos seus atos, com essas suas outras faces, eram*

*vistos como modos de luta contra os EUA, o "imperialismo", o capitalismo e outras bobagens do mesmo quilate. Outros ainda afirmavam a necessidade do multiculturalismo, do direito de diferentes culturas (aliás, direito ao terror, propriamente falando!).*

*Outros ainda procuram explicar o terror como uma suposta retroalimentação entre ele e a islamofobia, ou "justificar" tais tipos de ação como "respostas" à profanação da imagem de Maomé, como se os terroristas tivessem o direito de impor suas crenças aos países ocidentais, eliminando seus valores. Claro que sempre há uma frase ou pequeno parágrafo final condenando o ato, como se assim o jornalista ou "analista" pudesse ainda salvar a sua face, não se mostrando francamente adepto do terror, o que não cairia bem no contexto atual de condenação mundial desse ato.*

*São, na verdade, esquerdopatas, ou seja, dizendo a mesma coisa de outra maneira, pensam com as patas.*

=====

**NOTA DO ORGANIZADOR** - Arrisco opinar que ficou velha, superada, a rotulagem "esquerda" e direita", categorias em que alguns insistem para classificar e dividir escolhas ideológicas e de militância. Como se fosse possível organizar o mundo das pessoas em territórios do BEM e territórios do MAL - sendo que para a direita o mal sempre e só estaria na esquerda, e vice-versa.

Rotulagem velha e superada, sim, e não apenas pela derrubada dos muitos muros que já dividiram territórios e espaços de poder, inclusive nas fronteiras burras que hierarquizavam áreas do conhecimento. Velha e superada também porque, pelo menos nos extremos radicais dessas manifestações encarquilhadas, onde elas existem, os modos esquerdista e direitista de pensar e fazer são exatamente iguais.

À guisa de ilustração, permitam-me algumas perguntas:

*- A feroz censura salazarista e a policialesca censura cubana, exatamente iguais em justificativas e formas, devem ser consideradas abusos de poder da direita ou da esquerda?*

*- A prisão ilegal e o assassinato de adversários políticos, que continuam a ocorrer em países ditatoriais de vários matizes ideológicos, são procedimentos de esquerda ou de direita?*

*- A corrupção, o mensalão e o petrolão são ladroeiras da esquerda ou da direita?*

*- A honestidade política, se existe e onde existe, é virtude exclusiva da esquerda ou da direita?*

*- E a fraude eleitoral, a manipulação de informações e consciências, a mentira dos discursos partidários, a propaganda enganosa paga com dinheiro público - são práticas de esquerda ou direita?*

*- A doutrina dos direitos humanos, de acordo com a qual todas as pessoas são individualmente dignas e livres desde o nascimento, é avanço civilizacional da esquerda ou da direita?*

*- E a civilização, como produto da cultura, é um bem da direita ou da esquerda?*

As perguntas ficam aí, para as respostas que cada um e cada uma queiram encontrar na verdade da consciência e na lucidez da inteligência. Penso, porém, que já passou da hora de substituir essa bobagem de classificar e organizar em guetos de direita e esquerda as ideias e escolhas do agir humano. Afinal, a experiência humana de viver já nos deu uma tábua de valores universais, dentro da qual podem e devem caber todas as diferenças e divergências.

A coerência ética da Declaração Universal dos Direitos Humanos assenta em nove valores: **Paz, Justiça, Igualdade, Liberdade, Fraternidade, Dignidade, Solidariedade, Democracia e Proteção Legal dos Direitos.**

São valores já incorporados às Constituições da maioria dos países. A partir deles, e em função deles, é possível conceber e materializar modelos justos, éticos, humanistas, de governar e ser governado.

Até as segmentações religiosas cabem aí. Porque, como o papa Francisco já disse, Deus não é católico. E eu acrescento: nem evangélico. Nem judaista. Nem islamita.

## ***O porquê da radicalização de jovens muçulmanos***

O imã londrino **USAMA HASAN**, nascido na Guiné, é acadêmico pós-graduado em estudos de Física e Inteligência Artificial. Mas também um especialista em estudos islâmicos, atuando como pesquisador da Fundação Quilliam, instituição com sede em Londres na qual Usama é diretor para questões teológicas.

Na Fundação Quilliam, Usama Hasan acompanha e investiga o extremismo religioso muçulmano. Nessa condição, foi o imã autor da “fatwa” (pronunciamento legal, no islamismo emitido por um imã especialista em lei religiosa) divulgada em setembro de 2014, na qual publicamente se fez a condenação da violência do Estado Islâmico. Com força de sentença religiosa, a “fatwa” declarou como “organização extremista herética” o Estado Islâmico. E determinou aos seguidores do Islã a proibição religiosa de “dar apoio ou unir-se” a essa organização.

A 9 de janeiro deste ano, o repórter Sílio Boccanera, da Globo News, entrevistou Usama Hasan para o programa “Milênio”. Boccanera postou depois na Internet o texto que a seguir se reproduz, com um resumo das principais ideias apresentadas e defendidas pelo entrevistado, sobre a adesão dos jovens muçulmanos à radicalização.

***U***sama Hasan ofereceu o melhor relato prático que já ouvi sobre o processo de radicalização de jovens muçulmanos, tanto nos países onde o islã é a fé



*dominante, quanto entre as comunidades que seguem esta religião no Ocidente, da Europa aos Estados Unidos.*

*Relembrou a influência, já reconhecida, da pregação religiosa e política, a falta de perspectivas de emprego e realização profissional, a educação precária, a pressão de grupos com propostas de respostas fáceis, o sentido de humilhação e a busca de vingança contra os que são vistos como responsáveis pelos problemas que afligem a comunidade – desde o governo a forças estrangeiras e não islâmicas.*

*A surpresa na conversa com Usama foi ele chamar a atenção também para um aspecto pouco abordado nas tentativas de entender o radicalismo islâmico: a repressão sexual. Usama nos contou que ele mesmo foi um jovem sexualmente reprimido, resultado da educação tradicional e maneira de viver comum a seus amigos e parentes na comunidade muçulmana onde foi criado, em Londres. Só conheceu sua futura mulher no dia em que se casaram, pois a união foi acertada entre as famílias dele e da noiva, sem que os dois pudessem opinar ou se encontrar antes. Ele não teve namoradas, nem ao menos conhecia moças fora de sua família. E o pouco de contato social que tinha fora de casa era com outros muçulmanos, de estilo de vida semelhante. Até mesmo quando entrou para a respeitada Universidade de Cambridge, onde estudou Engenharia e Física, limitava sua convivência aos mesmos círculos de pessoas, sem se misturar com gente de outras religiões ou hábitos. “Eu só lidava com gente que pensava e agia igual”, contou ele. Pouco importava que ele tivesse sido criado numa cidade como Londres, exposta como poucas no mundo a uma variedade de ideias, propostas políticas, maneiras de pensar e de viver. Igual para Cambridge, no período universitário. “Não víamos televisão, não ouvíamos rádio, não íamos ao cinema e nem tocávamos música”.*

*Bastou a pregação radical de um líder religioso com firme convicção política e Usama começou a direcionar sua energia para a causa islâmica. Militou pela causa durante*

*muitos anos, considerou inclusive a hipótese de ir lutar no exterior em defesa da religião e do que via como maus tratados a muçulmanos pelo mundo, do Iraque à Palestina.*

*Os exemplos do isolamento e repressão sexual de tantos jovens muçulmanos pelo mundo são ainda mais radicais nos países onde os seguidores dessa fé formam a maioria da população, mas os governos são ditatoriais e os hábitos de comportamento muito conservadores.*

*O público em geral costuma tomar conhecimento de casos em que famílias muçulmanas reprimem suas filhas ao extremo, a ponto até de matá-las por comportamento “desonroso”, como arranjar um namorado por conta própria (pior ainda se não for muçulmano) ou recusar casamento arranjado pelos pais. Mas os rapazes dessas famílias também sofrem repressão sexual, conforme relatou Usama, que atribui a este fator mais peso do que se costuma supor, na radicalização de jovens muçulmanos.*

*Sem ignorar, por certo, os outros fatores que levam jovens muçulmanos a se radicalizarem, Usama nota que o impulso sexual – essência da natureza humana, conforme exaustivamente identificado pela Psicanálise – acaba sublimado no caso de muitos rapazes. Encontra outras formas de extravasar quando a pregação religiosa intensa oferece a alternativa de autorealização após a morte. É neste contexto, diz Usama, que se pode entender o atrativo da oferta de dezenas de virgens no paraíso, em troca do martírio pela causa religiosa.*

---

**Link para a entrevista com Usama Hasan**

<http://globotv.globo.com/globo-news/milenio/v/milenio-usama-hasan-e-as-raizes-da-formacao-de-um-radical-islamico/3884175/>

---

**NOTA DO ORGANIZADOR** - Usama Hasan é hoje um estudioso em busca de compatibilidades entre o Islã e evolução humana. Por esse caminho, segue a tradição familiar de es-



tudos islâmicos. Tornou-se imã na mesquita Masjid al-Tawhid, em Leyton. E como imã, foi um dos fundadores da Fundação Quillian, onde desenvolve estudos e difunde ideias sobre questões contemporâneas que considera fundamentais, como direitos de gênero, direitos das minorias, liberdades pessoais e códigos penais. Distingue-se nos ambientes da teologia e da filosofia islâmicas como um estudioso e pensador empenhado em harmonizar tradição e razão, fé e ciência. E dissemina as suas ideias (uma delas, a de que o Islã é compatível com a teoria da evolução) pelos meios de comunicação modernos, com intervenções frequentes na televisão e a ocupação de espaços importantes nos meios impressos, como autor de artigos para os diários *The Guardian* e *Washington Post*.

*"Um dos terroristas é negro e francês como eu. O que aconteceu na vida dele para se tornar tão violento? Por que esses jovens se tornaram loucos assim? Por que caíram no extremismo?"*

**ALEXANDRA BALDEN LORAS**

(Francesa de origem muçulmana e judaica, jornalista com mestrado em ciência política, Alexandra é há dois anos consulesa da França em São Paulo. Como todos os seus compatriotas, procura respostas para os atentados em Paris.)

***"A França precisa assumir-se como nação multicultural e multirracial"***

Em entrevista concedida à repórter Eliane Trindade, publicada na *Folha de S. Paulo* (13 de janeiro de 2015, p. A11), a consulesa da França em São Paulo, Alexandra Baldeh Loras, ofereceu à reflexão sobre o significado do caso *Charlie Hebdo* o testemunho da experiência pessoal de cidadã francesa negra.

Formada em Ciência Política, e com experiência de sete anos como apresentadora de televisão, caldeou saberes acadêmicos e profissionais no mestrado que fez na conceituada *Sciences Po* (a universidade que na França forma boa parte das elites políticas), para

estudar a questão dos negros na televisão francesa.

A entrevista resultou num depoimento ditado pelas emoções pessoais, fragmentado em frases curtas e fortes, que vale a pena transcrever pelo que acrescentam ao debate, principalmente como questionamentos sem respostas.

- *Um dos terroristas é negro e francês como eu. O que aconteceu na vida dele para se tornar tão violento?*
- *Por que esses jovens se tornaram loucos assim?*
- *Por que caíram no extremismo?*
- *Como saber o que vai pela cabeça deles para trilhar esse lado da escuridão?*
- *Do que eles precisam para se sentirem parte do povo francês?"*

Após a angústia das perguntas, a consulesa Alexandra tenta elaborar respostas, como que falando para si mesma, a cidadã francesa de 37 anos tentando decifrar a sua própria experiência de vida. Sempre com frases curtas, incisivas:

- *Na França do poder e na televisão, onde trabalhei nos canais France 3 e TF1, eu era a única negra ...*
- *A França precisa se assumir como nação multicultural e multirracial.*
- *A pátria-mãe francesa parece ter esquecido os 400 anos de escravidão e 300 de colonização. E hoje não quer assumir esses filhos.*
- *Eu me coloco entre eles. Nos sentimos rejeitados. E me refiro aos africanos, aos árabes, aos asiáticos... E aos judeus também.*

- O 'pai terrorismo' pegou alguns desses filhos e lhes deu o senso de pertencimento a um grupo, espaço, comida e dinheiro. Precisamos tentar resgatá-los.

- *A integração é possível!* - e lembra que entre os artistas mais amados da França atualmente estão Omar Sy, ator de origem senegalesa que ganhou o César (o Oscar francês) pelo filme "Os Intocáveis" (2011), e Jamel Debbouze, ator e comediante de origem marroquina (de "Astérix e Obélix Missão Cleópatra").

**Ao final da entrevista, falando sobre o *Charlie Hebdon*, a consulesa Alexandra volta a fazer perguntas de difícil resposta:**

- *Que liberdade de expressão estamos defendendo?*

- *Pode-se falar com respeito a profetas reverenciados por uma comunidade que não tem poder nos meios de comunicação?*

\*\*\*\*\*

Quem quiser conhecer melhor a consulesa Alexandra pode visitá-la no blog que como jornalista mantém, para discutir Moda, História e Dignidade Negra ([www.alexandraloras.com](http://www.alexandraloras.com)).

*“Fui **Charlie** quando era criança, quando também **Charlie** era **Charlie**. Hoje, **Charlie** já não faz rir ninguém. E a mim vem vontade de chorar, chorar só, isolado. Tenho vontade de chorar, mas não só por Wolinski e pelos seus colegas.*

*Vem-me vontade de chorar por todos os mortos desta história sórdida. Chorar pelas centenas de milhar de mortos durante a guerra suja na Argélia, pelos amigos que ali perdi. Chorar pelas vítimas do World Trade Center, pelo meio milhão de iraquianos, as centenas de milhar de afegãos, paquistaneses, pelas dezenas de milhar de líbios, de iemenitas, de palestinos, pelas centenas de milhar de pessoas mortas na Síria...”*

***Tudo é parte de uma  
trágica farsa chamada  
“conflito de civilizações”***

---

Texto do sociólogo e professor moçambicano

**JOSÉ LUÍS CABAÇO\***

---

**N**este momento, o assassinato das doze pessoas e, em particular, dos jornalistas/artistas na sede do periódico satírico **Charlie Hebdo**, está-se perfilando como um **mini 11 de setembro**. Chovem de todo o

lado mensagens de indignação, de condolências, de solidariedade, de condenação... Também eu estou indignado. Estou indignado por cada pessoa que morre no mundo da forma como morreram estes últimos. Sou solidário e feroz defensor da liberdade de expressão.

Além de indignado, estou triste. Triste porque alguns dos caricaturistas de **Charlie Hebdo** (particularmente Wolinski, que conheci em Argel há “um século”) me apaixonavam e acompanharam com a sua feroz e dessacralizante sátira toda a minha adolescência e a minha vontade de então (e ainda de hoje) mandar todo o mundo f.....-se.

Mas, por muito que me custe, não escreverei que “sou Charlie Hebdo”. Não meterei nenhuma bandeira negra no meu perfil no Facebook, nem qualquer post com desenho de Charb nem sequer de Wolinski, de quem tanto gosto...

Se tiverem tempo de ler o meu longo raciocínio, explicarei porquê.

**Charlie Hebdo** nasce em 1992, mas a equipa que o funda vem de uma longa história de jornais de sátira libertária. Aquele que se pode considerar como o antepassado de **Charlie** é “**Hara-kiri**”, onde trabalhavam já vários membros da atual redação.

**Hara-kiri** satirizava os poderosos, De Gaulle, o exército, a igreja. E foi fechado por várias vezes para reabrir sob diferentes formas e títulos. Era divertido, dessacralizante, por vezes feroz. Mas tinha aquele sabor de liberdade da época.

Hoje, **Charlie Hebdo** mudou. Ainda o compramos, de vez em quando, porque tem um nome. Mas o seu público já não é o operário ou o estudante sem dinheiro, mas a “**esquerda-caviar**” da Paris bem.

Nos últimos anos foi assumindo uma linha editorial abertamente islamofóbica. Não se trata de visar, de vez em quando, uma religião. Isso, fê-lo sempre mesmo com a igreja católica. O problema não é esse. Se satirizasse os

muçulmanos, o islão, o profeta, deus ou qualquer outra personagem ou símbolo sagrado, não veria nisso nada de errado. Mas as numerosas campanhas de **Charlie Hebdo** contra os muçulmanos, o islão, os símbolos sagrados desta religião, tinham um sabor de insistente.

Fazia parte de uma certa cultura muito difusa nos ambientes que no passado tinham sido de esquerda e que hoje são só cínicos. Ambientes que decidiram definitivamente estar do lado dos fortes e que não têm mais nenhuma batalha verdadeira a levar a cabo.

Uma ex-esquerda que se rendeu, de mãos e pés atados, à lógica do mercado, ao domínio dos bancos e, ultimamente, também à retórica do conflito de civilizações. Uma ex-esquerda que considera que o integralismo islâmico é o único e último perigo que ameaça a humanidade. Uma ex-esquerda que já não tem sonhos nem projetos e que se contenta em olhar o mundo do alto da sua presumida superioridade cultural.

Mas não é por isso que não porei luto pelos mortos de **Charlie Hebdo**.

Não reconheço a quem quer que seja o direito de matar ninguém em nome de nada e ainda menos em nome de uma divergência de opiniões.

As minhas razões são outras.

O ataque à redação do jornal satírico ocorre num momento particular. Ainda há um ano não se falava de integralismo.

O tema tinha quase desaparecido das primeiras páginas.

E se se viam imagens de barbudos em armas nas estradas de Tripoli ou de Aleppo, eles eram chamados “Revolucionários” .

E cantavam-se loas a estes bravos rapazes. Lia-se em toda a parte que os bravos rapazes recebiam ajuda de todas as partes.



*Lia-se um pouco menos que os bravos rapazes tinham tomado o controle de várias unidades de extração de petróleo e que a Turquia, um estado membro da Nato, lhes comprava tranquilamente. Lia-se ainda menos que, para além das ajudas e dos milhares de jovens vindos de todo o mundo em apoio a estes bravos rapazes, estavam também conselheiros militares que ensinavam os bravos rapazes a combater...*

*Depois, de repente, tudo muda.*

*Voltam a chamar-lhe terrorismo, e a morte de membros das minorias até então silenciadas vêm à luz.*

*Os serviços secretos de todos os países da Nato (e seus numerosos aliados) fazem de contas que caem das nuvens, ao descobrirem que milhares de jovens partiram de suas cidades para reforçar os “revolucionários”.*

*Aparentemente não sabiam de nada. E nós a escandalizarmo-nos juntamente com eles.*

*Já há décadas que este joguinho era jogado.*

*As redes que hoje se chamam Al Qaeda e depois Isis, Boko Haram e companhia, foram organizadas em plena guerra fria, numa perspetiva anti-soviética.*

*Os países do Golfo Pérsico, em colaboração com a Nato, fizeram um trabalho de montagem financeira, propagandística e organizativa para favorecer o afluxo de combatentes de toda a parte.*

*Al Qaeda era o principal aliado da Nato e obviamente dos países do Golfo nos anos noventa. Depois, pouco a pouco, resvala para a área da ilegalidade.*

*A guerra fria estava terminando e Samuel P. Huntington pré-anunciava um novo conflito, batizando-o de “conflito de civilizações”.*

*Entretanto, chega a guerra da Argélia. Centenas de jovens regressados do Afeganistão contribuem para formar os primeiros núcleos de Grupos que, com o exército argelino*



(que também ele não estava para bricadeiras), fazem passar o país por duas décadas infernais.

Simultaneamente, nas mesquitas londrinas - mas também nas francesas, italianas, alemãs - indivíduos pouco recomendáveis predicavam a luta armada na Argélia e recolhiam dinheiro, proporcionando negócios fabulosos à indústria de armamento.

A Argélia estava saindo de uma era socialista e necessitava de um pequeno empurrão para privatizar os seus enormes recursos energéticos. E como por milagre, após cada concessão assinada com uma multinacional, encerrava-se uma rede de apoio ao integralismo armado.

Quando finalmente as multinacionais tomaram o controle do petróleo argelino, as redes tornaram-se terroristas e foram totalmente desmanteladas. Pelo menos assim disse a imprensa livre de todo o mundo livre.

Em 2001 aconteceu o 11 de setembro e, com ele, uma verdadeira histeria. Quem não tinha terroristas islâmicos para prender, inventava-os. Todos queriam ter a sua ameaça e os seus mini-ataques.

Nunca foi totalmente esclarecido por quem, por quê e como foram perpetrados os ataques daquele dia, mas não faltavam justificações para as novas políticas de controle militar da área do médio oriente desejadas pelos **Neo-cons**, os neo-conservadores americanos.

Já lá vão 14 anos que decorre a sua **war on terror**, que apenas produziu cada vez mais terror e cada vez mais novas **wars**.

Os **Neo-cons vão-se** e chega Obama, que diz querer retirar as tropas e vai ao Cairo, onde faz um longo e forte discurso, no qual diz que estende a sua mão para ajudar na criação de um “**Novo Médio-orient**”. Pouco depois daquele discurso, as praças árabes começam a agitar-se.

O mundo descobre que no mundo árabe não existem só militares bigodudos e rebeldes barbudos. No meio, há po-

*vos com muitas nuances que, ao fim e ao cabo, aspiram às mesmas coisas que todos os outros povos: dignidade, liberdade, bem estar...*

*Os islamistas estão ausentes das praças ou quase. De qualquer forma, não lhes pertence a iniciativa. Às vezes seguem o movimento. Por vezes se retiram. O tom é dado pelos jovens laicos, cultos e amantes da liberdade e dos direitos humanos. Isso não agrada a todos, ao que parece.*

*Já em maio de 2011, os serviços secretos russos (geralmente bem informados, por aquilo que sei) alertavam sobre a iminente reconstrução de redes integralistas internacionais sob o comando do especialista saudita no assunto: o príncipe Bandar Assudairi Ben Saud, promotor de vários grupos e de várias guerrilhas islâmicas no mundo. O objetivo era o de recolocar o islamismo político na liderança das revoltas.*

*Essa informação foi retomada apenas pela rede Voltaire, oficialmente classificada como subversiva, e todos fizeram de conta que nada existia. Hoje, tudo o que foi previsto naquele alerta se verificou, e muito mais.*

*Na Líbia, um comandante “ex” Al Qaeda, liderando um exército armado pelo Qatar e pela Arábia Saudita, e treinado pela CIA, toma a cidade de Trípoli, que as milícias tribais não conseguiam conquistar. E o país torna-se uma espécie de território libertado por grupos armados de todos os tipos.*

*No Iemen, a Arábia Saudita reinstala o velho regime, mas estranhamente grupos armados despontam em toda a parte como cogumelos.*

*No Egito e na Tunísia, os irmãos muçulmanos são levados ao poder num tapete de petrodolares. Da Síria, nem falemos... O resto da história é bem conhecida. Entretanto, no ocidente, as mesquitas (não todas felizmente, mas as mais extremistas e que seriam em teoria também as mais vigiadas pelos serviços secretos) voltam a ser locais de recolha de fundos e de recrutamento.*

*Se amanhã um juiz investiga com demasiado rigor o porquê, pode ocorrer um novo caso Abu Omar. E agora, finalmente, de há menos de um ano para cá, todos a gritar o perigo.*

*Que jogo é este? Alguém pode explicar?*

*Já há mais de 30 anos que os serviços secretos de todo o mundo brincam com o fogo com os grupos integralistas. São controlados, são infiltrados, são insuflados quando servem, e esvaziados quando deixam de servir.*

*De resto, é o mesmo que se tem feito e continua a fazer com os grupos extremistas de direita e de esquerda desde a segunda guerra mundial.*

*Quem se recorda da sigla “**Stay Behind**” e dos falsos atentados (mas com mortos verdadeiros) por toda a Europa sabe do que estou falando. Hoje é preciso fazer subir a aposta em jogo.*

*A crise pede guerra. As novas guerras pelo controle do Médio Oriente precisam de legitimidade.*

*A crise desacreditou toda a classe política europeia e só o crescimento dos extremismos de direita pode levar as gentes e voltar a votá-los. Não gostas do Renzi, mas como o perigo é Salvini (porque será que ele está sempre na TV?), então vais e votas Renzi.*

*Por outro lado, também as redes do integralismo armado precisam de fazer aumentar o nível da tensão.*

*Quem vive de violência e para a violência precisa da tensão como de oxigénio. Eles vivem na mesma lógica.*

*E agora, cometido o delito, todos os fascistoides que gostariam de ter feito explodir a cabeça ao grupo **Charlie Hebdo** pelas suas velhas posições antifascistas ou pelas suas posições sobre a homossexualidade e outros temas do género, todos eles já publicaram mensagens de condolências e choram lágrimas de crocodilo sobre esta Europa que queriam livre, mas que é ameaçada pelos muçul-*

*manos, pelos africanos, pelos asiáticos, portadores de valores anti-democráticos!!!!!!*

*E nos set televisivos já começaram a recolher os frutos deste verdadeiro maná político que lhes foi servido num prato de ... chumbo.*

*É para não fazer parte deste gigantesco teatrinho das emoções encomendadas, das indignações seletivas, da solidariedade de fachada, das amnésias coletivas e da hipocrisia generalizada que me recuso a içar a bandeira negra. Nem escreverei “**Eu sou Charlie**”.*

*Eu não sou **Charlie**. Fui **Charlie** quando era criança, quando também **Charlie** era **Charlie**. Hoje já não o somos, nem ele nem eu. Hoje, **Charlie** já não faz rir ninguém. E a mim vem vontade de chorar, chorar só, isolado.*

*Tenho vontade de chorar, mas não só por Wolinski e pelos seus colegas. Vem-me vontade de chorar por todos os mortos desta história sórdida.*

*Chorar pelas centenas de milhar de mortos durante a guerra suja na Argélia, pelos amigos que ali perdi.*

*Chorar pelas vítimas do World Trade Center, pelo meio milhão de iraquianos, as centenas de milhar de afegãos, paquistaneses, pelas dezenas de milhar de líbios, de iemenitas, de palestinos, pelas centenas de milhar de pessoas mortas na Síria - tudo parte de uma trágica farsa chamada “**conflito de civilizações**”.*

\*\*\*\*\*

\* **JOSÉ LUÍS DE OLIVEIRA CABAÇO**, licenciado em Sociologia pela Universidade de Trento, de Itália, em 1971, autor do magnífico e elucidativo artigo que encerra este Dossiê, e por ele difundido no Facebook, foi ministro dos Transportes e Comunicações e, posteriormente, ministro da Informação no governo de Samora Machel. Como ativista e homem público, viveu ativamente os períodos conturbados da História de seu país. Em 2001, já de cabelos brancos, para produzir e socializar conhecimento, candidatou-se a um mestrado na Universidade

de São Paulo (USP), mas o Conselho Acadêmico da universidade, depois de analisar os trabalhos curriculares apresentados, recomendou o candidato para o doutoramento direto. Assim foi. E em 2007, defendeu a tese de doutorado intitulada ***Moçambique: identidades, colonialismo e libertação***, em que discute as ideologias e políticas identitárias do período colonial até a independência de Moçambique. Desse modo, sistematizou com metodologia acadêmica a riqueza da sua experiência de protagonista político na construção histórica da sua pátria. O trabalho, premiado em 2008 pela ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), faz, nas palavras do seu autor, uma análise do tempo colonial até à Independência, incidindo nas ideologias que se expressam em políticas de identidade enunciadas em diferentes momentos.

**DECLARAÇÃO  
UNIVERSAL  
DOS DIREITOS  
HUMANOS**

**CONSIDERANDO** que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo,

**CONSIDERANDO** que o desprezo e o desrespeito pelos direitos do homem resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da Humanidade, e que o advento de um mundo em que os homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade,

**CONSIDERANDO** ser essencial que os direitos do homem sejam protegidos pelo império da lei, para que o homem não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão,

**CONSIDERANDO** ser essencial promover o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações,

**CONSIDERANDO** que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta, sua fé nos direitos do homem e da mulher, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla,

**CONSIDERANDO** que os Estados Membros se comprometeram a promover, em cooperação com as Nações Unidas, o respeito universal aos direitos e liberdades fundamentais do homem e a observância desses direitos e liberdades,

**CONSIDERANDO** que uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso,

A **Assembleia Geral das Nações Unidas** proclama a presente "**Declaração Universal dos Direitos do Homem**" como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Estados



Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

## **Artigo 1**

Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

## **Artigo 2**

I) Todo o homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

II) Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

## **Artigo 3**

Todo o homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

## **Artigo 4**

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos estão proibidos em todas as suas formas.

## **Artigo 5**

Ninguém será submetido a tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

## **Artigo 6**

Todo homem tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.

## **Artigo 7**

Todos são iguais perante a lei e tem direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos tem direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

## Artigo 8

Todo o homem tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.

## Artigo 9

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

## Artigo 10

Todo o homem tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir de seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

## Artigo 11

I) Todo o homem acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias a sua defesa.

II) Ninguém poderá ser culpado por qualquer ação ou omissão que, no momento, não constituam delito perante o direito nacional ou internacional. Também não será imposta pena mais forte do que aquela que, no momento da prática, era aplicável ao ato delituoso.

## Artigo 12

Ninguém será sujeito a interferências na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataques a sua honra e reputação. Todo o homem tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

## Artigo 13

I) Todo homem tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

II) Todo o homem tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

## Artigo 14

I) Todo o homem, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.

II) Este direito não pode ser invocado em casos de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

## **Artigo 15**

I) Todo homem tem direito a uma nacionalidade.

II) Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade.

## **Artigo 16**

I) Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, tem o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.

II) O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes.

III) A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

## **Artigo 17**

I) Todo o homem tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros.

II) Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

## **Artigo 18**

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

## **Artigo 19**

Todo o homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras.

## **Artigo 20**

I) Todo o homem tem direito à liberdade de reunião e associação pacíficas.

II) Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

## Artigo 21

I) Todo o homem tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.

II) Todo o homem tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.

III) A vontade do povo será a base da autoridade do governo; esta vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.

## Artigo 22

Todo o homem, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

## Artigo 23

I) Todo o homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

II) Todo o homem, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.

III) Todo o homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como a sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

IV) Todo o homem tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para proteção de seus interesses.

## Artigo 24

Todo o homem tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.

## Artigo 25

I) Todo o homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença,

invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda de meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

II) A maternidade e a infância tem direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

## **Artigo 26**

I) Todo o homem tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

II) A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

III) Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

## **Artigo 27**

I) Todo o homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de fruir de seus benefícios.

II) Todo o homem tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

## **Artigo 28**

Todo o homem tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

## **Artigo 29**

I) Todo o homem tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.

II) No exercício de seus direitos e liberdades, todo o homem estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer as justas exigências da

moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

III) Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

### **Artigo 30**

Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer direitos e liberdades aqui estabelecidos.